

COMUNIDADE DE PRÁTICA DE PROFESSORES DO 1.º CICLO

João Grácio, CCTIC - Escola Superior de Educação de Setúbal, joao.gracio@ese.ips.pt

João Torres, CCTIC - Escola Superior de Educação de Setúbal, joao.torres@ese.ips.pt

Maria Rosário Rodrigues, Escola Superior de Educação de Setúbal, rosario.rodrigues@ese.ips.pt

Aida Graça, Agrupamento de Escolas de Palmela, aidagraca@sapo.pt

Ana Chambel, Agrupamento de Escolas de Sampaio, aachambel@hotmail.com

Cláudia Franco, Agrupamento de Escolas Luísa Todi, claudiafranco@avelt.org

Paula Pinto, Agrupamento de Escolas Luísa Todi, paulapinto@avelt.org

RESUMO

O presente artigo pretende refletir sobre o funcionamento de uma Comunidade de Prática de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (*Community of Practice* - CoP), mais especificamente sobre o trabalho produzido e a consecução dos objetivos definidos para o primeiro ano de trabalho. Assim, pretendemos perceber se a participação na CoP contribuiu para o desenvolvimento profissional dos docentes envolvidos. A CoP iniciou as atividades em novembro de 2020 e surgiu da necessidade de reflexão conjunta sobre três ideias fundamentais: i) a ideia que as tecnologias não surgem para além do currículo, não dificultando que este seja cumprido; ii) a necessidade formativa dos professores com menos experiência na utilização pedagógica das Tecnologias Digitais (TD); iii) reflexão sobre as dificuldades sentidas ao gerir a sala de aula, alterada pela introdução de TD, disponíveis aos alunos. Terminado o ano letivo, pretendemos avaliar o trabalho desenvolvido para o que recolhemos as opiniões dos membros da comunidade através de um inquérito por questionário, como forma de completar os dados recolhidos por observação participada, ao longo do ano. Os dados recolhidos permitem-nos construir a perceção de que a comunidade foi bem-sucedida, pelo que perspetivamos a sua continuidade no próximo ano letivo.

Palavras-chave: Comunidade de prática; 1.º Ciclo; Tecnologias Digitais; Desenvolvimento Profissional; Práticas Pedagógicas

ABSTRACT

This article intends to reflect on the functioning of a Community of Practice (CoP) for Primary School Teachers, more specifically on the work produced and the goal achievements that were defined for the first year. Thus, we intend to understand if the participation in the CoP contributed to the professional development of the teachers involved. This CoP started its activities in November 2020 and emerged from the need of joint reflection on three main ideas: i) the idea that technologies do not arise beyond the curriculum, not hindering it from being fulfilled; ii) the formative need of teachers with less experience in the pedagogical use of Digital Technologies (DT); iii) reflection on the difficulties experienced when managing the classroom, changed by the introduction of DT, available to students. Now that the school year is over, we intend to evaluate the work that was developed. To do this, we have collected the opinions of the community members through a questionnaire survey, to complete the data collected through participative observation throughout the year. The data collected allows us to have the perception that the community was successful, so we look forward to its continuity in the next school year.

Keywords: Community of Practice; Primary School; Digital Technologies; Professional Development; Pedagogical Practice

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende refletir sobre uma Comunidade de Prática de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1CEB) constituída no ano letivo de 2020/21, os objetivos delineados para a sua constituição e o trabalho que foi realizado para que pudessem ser atingidos.

A comunidade foi constituída para promover o desenvolvimento profissional, favorecendo uma mudança nas práticas pedagógicas dos docentes que nela estão envolvidos.

Assim, procuraremos perceber até que ponto e de que forma a Comunidade apoiou os professores na utilização das Tecnologias Digitais (TD), em sala de aula, e perceber como pode ter favorecido mudanças nas suas práticas e o seu desenvolvimento profissional. O trabalho desenvolvido na CoP pretendeu ser um processo contínuo e reflexivo, tendo em conta as necessidades de cada um dos seus membros, com quatro preocupações principais: i) a individualidade do professor e as suas necessidades e preocupações; ii) a importância das relações humanas para o trabalho colaborativo; iii) o contexto real em que cada professor trabalhava e iv) a criação de um ambiente familiar, de modo a facilitar o desenvolvimento de cada um dos seus membros, individualmente e dentro do grupo.

Neste artigo, começaremos por apresentar uma contextualização teórica. De seguida, apresentaremos a metodologia adotada para o estudo realizado, faremos a descrição da Comunidade, seguindo-se a apresentação de alguns dados e resultados obtidos e, finalmente, algumas conclusões.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Uma vez que a comunidade em estudo funcionou exclusivamente a distância, organizamos esta contextualização teórica em duas partes. Numa primeira parte procuramos explorar o conceito de comunidade de prática e na segunda desenvolvem-se algumas das particularidades das comunidades virtuais.

Comunidades de Prática

Segundo Wenger, as Comunidades de Prática (*Community of Practice* – CoP) estão um pouco por todo o lado e todos nós fazemos parte de algumas, tendo umas vezes uma participação mais efetiva e, noutras, participações mais periféricas (Wenger, 1998).

A importância de participar numa CoP não é o facto de se receber fórmulas ou receitas, mas é antes algo que atua como um guia que nos indica ao que prestar atenção, que dificuldades podemos esperar e como abordar os problemas (Wenger 1998).

Mas o que são, afinal, as CoP? Por ser uma designação que se obtém a partir de dois conceitos – comunidade e prática – poderemos pensar que coexistem sempre, isto é, que toda a comunidade é uma CoP e que basta que haja uma prática comum para se tratar de uma CoP. No entanto, não é obrigatória esta coexistência. Assim, nem todas as comunidades são CoP. As pessoas que vivem num mesmo lugar: numa aldeia, num bairro ou num prédio, por exemplo, são, normalmente,

associadas a uma comunidade pela proximidade física dos locais onde habitam, mas não será só esse facto que determina que pertencem a uma CoP.

Também não basta haver uma prática comum, para estar definida uma CoP. As práticas que podem definir uma CoP são as práticas sociais que estão ligadas à existência de comunidades sociais onde as pessoas se reconhecem mutuamente associadas a um determinado conjunto de fazeres, que desenvolvem formas próximas de o fazer e que ficam, de alguma forma, associadas ao longo dos tempos a essa prática e a uma dada categoria (Santos, 2002).

Wenger (1998) identifica três dimensões indispensáveis para que se fale de CoP: (i) um compromisso mútuo (*mutual engagement*); (ii) um empreendimento conjunto (*joint enterprise*); e (iii) um repertório partilhado (*shared repertoire*). Com o desenvolvimento de novas tecnologias e a necessidade de globalização, as CoPs “distribuídas” (distribuídas por grandes áreas geográficas) começam a ser o standard, enquanto as “localizadas” se tornam a exceção (Wenger et al., 2002).

Esta ideia de aprender em conjunto está intimamente ligada, segundo Russ, Sherin e Gamoran (2016), com uma abordagem socioconstrucionista, em que os indivíduos são vistos como sujeitos que não aprendem sozinhos, mas sim num contexto social.

Assim, mais do que promover o ensino de algo, uma CoP permite que todos os seus membros troquem e partilhem experiências, fazendo com que tenham a oportunidade de desenvolver várias competências, sendo que todos estão envolvidos em todos os processos (Wenger, 1998).

Por outro lado, o facto de terem uma palavra sobre tudo o que se passa na comunidade, faz com que os seus elementos desenvolvam um sentimento de pertença que pode ser muito importante (Wenger, 1998) e que leva a que recorram aos outros membros para resolver os problemas com que se deparam.

Este conceito de familiaridade é muito importante para Wenger (2002) na medida em que quanto mais confiança existir entre os seus membros, mais rica será a partilha e, consequentemente, a aprendizagem que daí advém.

Comunidades de Prática Online/Virtuais (VCoP)

Ao contrário das comunidades de prática que têm uma forte componente presencial e que não incluem o suporte por tecnologias, as Comunidades de Prática Online e Virtuais apostam na construção de redes de indivíduos que partilham um conjunto de interesses comuns num ambiente virtual/online, afastando, assim, algumas dificuldades no que diz respeito à localização geográfica dos seus membros.

No entanto, à luz da diferente literatura disponível, verificamos que os dois conceitos são bastante semelhantes. Uma das grandes diferenças prende-se com o facto de, nas comunidades virtuais, os membros não se conhecerem presencialmente e nas comunidades online esse conhecimento presencial poder existir. No entanto, a diferença é pouco clara, pois, mesmo em comunidades muito dispersas geograficamente, pode existir conhecimento prévio entre alguns dos seus elementos (Loureiro et al., 2009).

Mais do que uma questão de conhecimento dos seus membros, importa refletir sobre o que estas comunidades podem oferecer, sendo que a partilha de práticas em comum (Wenger, 1998) surge como um dos elementos mais importantes. Para além disso, Illera (2007) refere que, através das comunidades de prática virtuais, os professores encontram um modo de trabalhar colaborativamente, facto esse que permite abordar tarefas em equipa ou aprender uma nova forma de trabalhar e de pensar.

Para Barab & Duffy (2000), as comunidades de prática virtuais são mesmo a forma adequada de realização de aprendizagens autênticas uma vez que se adquirem e são validadas no interior de uma comunidade real e não só como simulações ou problemas apresentados, de forma hipotética.

Foi com base nestas premissas que constituímos uma Comunidade Virtual de Prática de Professores do 1CEB, tentando, ao longo de um ano letivo, manter a comunidade viva, de forma a produzir conteúdos e criar interações entre os seus membros, muitas vezes iniciadas na forma de questões ou dúvidas, relacionadas com a prática e contribuir assim para o desenvolvimento profissional dos seus membros.

METODOLOGIA

Os autores do artigo são todos membros ativos desta comunidade. Assim, esta investigação constitui-se como uma investigação-ação participada, uma vez que não ficamos apenas pela observação, tendo também participado na mesma. Segundo Borda (2001), a investigação-ação participada procura a melhoria de situações locais, em conjunto com os restantes atores sociais, também participantes na investigação, estabelecendo-se uma relação de grande proximidade entre todos.

Nesta investigação, seguimos um paradigma misto (quantitativo e qualitativo), com dados recolhidos a partir de observação direta, um inquérito por questionário com perguntas fechadas e abertas e análise de documentos.

Para implementar o questionário usamos a ferramenta Google Forms, uma vez que é de uso muito simples e permite a recolha das respostas dos inquiridos, sejam respostas curtas para posterior tratamento e análise de carácter quantitativo, sejam respostas a questões mais abertas, as quais terão uma análise qualitativa e interpretativa.

O questionário foi dividido em 5 partes: Caracterização do(a) formando(a); Participação na Comunidade; Evolução da comunidade; Participação dos formadores (formadores residentes e convidados) e Consecução dos objetivos. Foi aplicado entre a penúltima e a última sessões de formação, em junho de 2021, no sentido de apresentar alguns dados na sessão final e perspetivar o trabalho a realizar, durante o ano letivo 2021/22. Foram obtidas 13 respostas, que correspondem a todos os professores do 1CEB, com turma atribuída, que participaram na Comunidade (todos os elementos da VCoP, excetuando os dois formadores do Círculo de Estudos).

Para uma análise de carácter mais qualitativo, recolhemos também alguns dados, quer em questões de respostas abertas no questionário aplicado, quer através de observação direta e

análise dos trabalhos e documentos produzidos na comunidade (planificações realizadas, fichas de trabalho, orientações para os professores e rubricas de avaliação) ao longo das sessões e entre as sessões (Coutinho, 2014) e as interações geradas na plataforma Moodle, que criamos para o acompanhamento da Comunidade.

A COMUNIDADE DE PRÁTICA DE PROFESSORES DE 1CEB

A Comunidade de Prática Virtual (*Virtual Community of Practice* - VCoP) de professores de 1CEB foi uma comunidade implementada exclusivamente num modelo virtual, no qual os docentes de diferentes pontos geográficos do país, se encontraram para debater ideias e refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem, usando as Tecnologias Digitais (TD).

A VCoP foi organizada em torno de três problemas fundamentais: i) a ideia de que as tecnologias surgem para além do currículo e dificultam que este seja cumprido; ii) a falta de experiência, por parte dos docentes, numa utilização pedagógica das TD e iii) a dificuldade que os docentes sentem na gestão da sua própria sala de aula, consequência também da falta de experiência na utilização das TD com os alunos.

A VCoP era composta por 15 docentes dos quais 11 eram do sexo feminino e os restantes do masculino (4). Os docentes tinham entre 9 e 30 anos de serviço, tinham entre 39 e 52 anos de idade e nem todos tinham experiência profissional na utilização das TD. Assumimos a VCoP como um projeto de formação que foi proposto (e acreditado) ao Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua, na modalidade de Círculo de Estudos. Assim, para efeitos de formação, 2 dos membros da VCoP assumiram o papel de formadores enquanto os restantes 13 o papel de formandos.

Tivemos como principais objetivos: i) promover o desenvolvimento profissional de professores do 1CEB, com foco nas questões da integração curricular das TD; ii) construir e testar planos de aula e outros materiais de ensino para o 1CEB, onde as TD assumissem o seu papel de área de integração curricular transversal; iii) partilhar pequenos projetos comuns; iv) discutir a implementação das atividades em sala de aula; v) partilhar o trabalho realizado e vi) integrar progressivamente novos membros na comunidade.

Foram organizadas 10 sessões síncronas, ao longo do ano letivo 2020/2021. Em algumas destas sessões, foram realizadas reflexões sobre diferentes temáticas: objetivos das comunidades de prática; papel das TD na escola; metodologias de ensino utilizando as TD; avaliação e Plataforma Milage Aprender +. Nestas sessões, houve a presença de convidados externos à VCoP, tais como docentes especialistas em diferentes temas abordados nas sessões, alunos e encarregados de educação. Nas restantes 5 sessões de trabalho, a Comunidade dedicou-se à produção conjunta de atividades recorrendo às TD, através de um modelo de planificação previamente discutido no seu seio, para o 1CEB.

Para a elaboração e experimentação das tarefas, os membros da comunidade foram organizados em grupos de trabalho de acordo com os anos de escolaridade em que lecionavam. Em grupo, os docentes conceberam tarefas, que posteriormente implementaram nas suas salas de aula, refletindo depois, em pequeno e em grande grupo, acerca do sucesso e dificuldades sentidas na

aplicação das mesmas e, sempre que necessário, foram ajustadas e alteradas para melhor cumprimento dos objetivos traçados.

Para além destas 10 sessões, os grupos de trabalho reuniram-se, sempre que necessário, para realizar reflexões sobre o trabalho realizado, para trocarem ideias sobre metodologias a utilizar, para realizar a avaliação das atividades quando sentiram necessidade de o fazer.

Foram produzidas na VCoP documentos/materiais que foram organizados e disponibilizados num espaço específico <http://projectos.esse.ips.pt/cctic/?cat=28>.

ALGUNS RESULTADOS

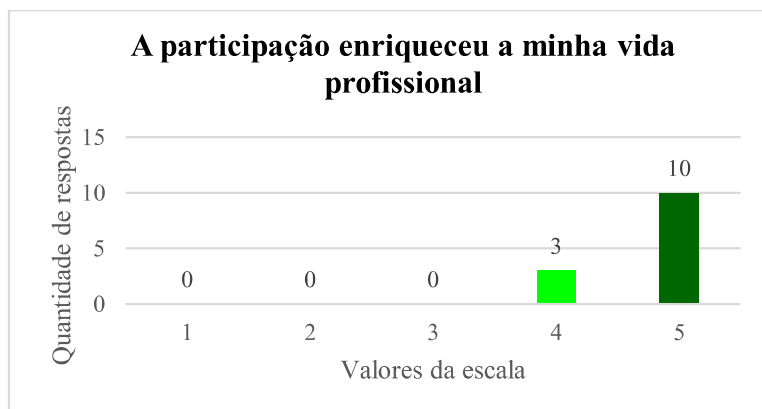
Análise do questionário

As perguntas de resposta fechada do questionário eram constituídas por afirmações que os docentes tinham de classificar numa escala de 1 a 5, sendo que o 1 correspondia a “Não concordo” e o 5 a “Concordo totalmente”. Existiam também três questões de resposta aberta, onde pretendíamos saber quais tinham sido os pontos fortes, os pontos a melhorar e sugestões para o trabalho a realizar no ano letivo 2021/22, se os docentes quisessem continuar a pertencer à Comunidade.

Relativamente à Participação na Comunidade e considerando a afirmação “A participação enriqueceu a minha vida profissional.”, 3 docentes classificaram-na com 4 (23%) e 10 classificaram-na com 5 (77%), como apresentado no gráfico abaixo. Esta ideia é também partilhada por diversos formandos, nos seus relatórios de reflexão crítica, quando afirmam que “Relativamente à minha prática letiva, não posso também deixar de referir que ao longo deste círculo de estudos, esta melhorou substancialmente (...)”; “A vivência nesta Comunidade provocou algumas mudanças na minha prática (...)” ou “Considero que a minha prática docente ficou bastante enriquecida com a participação neste círculo de estudos.”.

Gráfico 1

Respostas relativamente à afirmação “A participação enriqueceu a minha vida profissional.”



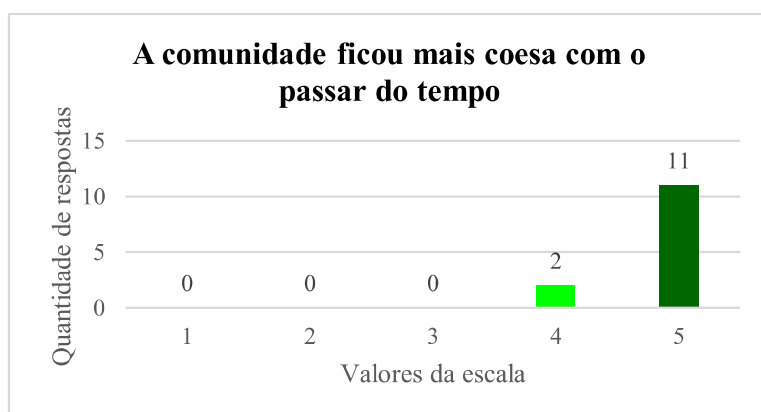
No que diz respeito à afirmação “Eu aprendi com a comunidade.”, 1 docente atribuiu a classificação 3 (8%), 2 a classificação 4 (15%) e 10 a classificação 5 (77%) o que nos parece significar que todos os participantes na comunidade aprenderam com a experiência e a grande maioria considera mesmo que essa aprendizagem foi significativa.

No que concerne à questão sobre Evolução da Comunidade, percebemos, através da atribuição dada às três afirmações que faziam parte, que os docentes consideram que houve uma evolução, ao longo do tempo.

No que concerne à afirmação “A troca de informações aumentou com o passar do tempo.”, a totalidade dos docentes atribuiu as classificações 4 (23%) e 5 (77%). Relativamente à afirmação “Houve um aumento da confiança entre os participantes com o passar do tempo.”, os treze docentes atribuíram as classificações 4 (15%) e 5 (85%). Finalmente, no que diz respeito à afirmação “A comunidade ficou mais coesa com o passar do tempo.”, podemos verificar, através do gráfico abaixo, que 85% dos membros da comunidade atribuiu a classificação 5.

Gráfico 2

Respostas relativamente à afirmação “A comunidade ficou mais coesa com o passar do tempo.”



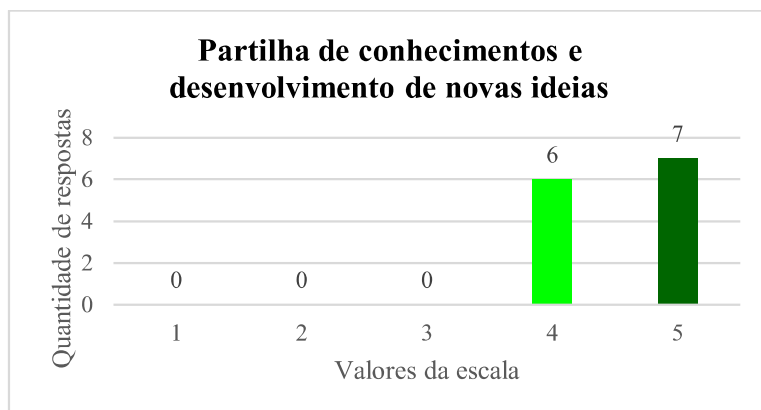
Todas estas questões relacionadas com as relações que foram estabelecidas e a coesão que existiu, entre os membros da Comunidade, podem ser observadas, por exemplo, pelo número crescente de interações que foram acontecendo nos fóruns e que analisaremos, mais à frente.

No que diz respeito à Participação dos formadores, 3 docentes atribuíram o nível 4 (23%) e 10 docentes o nível 5 (77%) no que diz respeito à afirmação “Fizeram aumentar o interesse dos membros da comunidade em participar na mesma.”.

Relativamente à consecução dos objetivos, os resultados foram também bastante animadores. Relativamente à afirmação “A partilha de conhecimentos ajudou-me no desenvolvimento de novas ideias.”, podemos verificar, através do gráfico abaixo, que os 13 docentes a classificaram entre o 4 e o 5. Este aspeto foi também bastante visível nas sessões síncronas onde, após muitas reflexões em grande grupo, com a partilha de várias ideias, os docentes, em pequeno grupo, tentavam construir atividades onde fosse incluído algumas das coisas que tinham sido discutidas.

Gráfico 3

Respostas relativamente à afirmação “A partilha de conhecimentos ajudou-me no desenvolvimento de novas ideias.”



No que diz respeito à afirmação “Melhorei a qualidade do meu trabalho.”, 7 docentes (54%) atribuíram o nível 4 e 6 docentes (46%) atribuíram o nível 5.

Consideramos, também, muito importante o facto de todos os docentes terem afirmado que gostariam de manter o trabalho na Comunidade, no próximo ano letivo.

Por último, analisamos as respostas abertas e relativamente aos pontos fortes da Comunidade, foram referidos os seguintes: i) o grupo de colegas inovadores e o facto de pertencerem a agrupamentos e realidades diferentes; ii) descoberta de novas ferramentas/recursos; iii) a enorme partilha de ideias, experiências, saberes, práticas, conhecimentos mas também de angústias e receios; iv) partilha e apoio na construção de materiais; v) as sessões em que houve convidados, com partilhas de experiências de sucesso, inspiradoras que contribuíram a melhoria das nossas práticas; vi) colaboração entre todos; vii) a produção de planos de aula em grupos dos mesmos anos; viii) conhecimento de novos projetos tecnológicos e novas formas de avaliação e ix) conhecer mais pessoas que estão no mesmo "barco".

No que diz respeito aos pontos a melhorar, os docentes referiram: i) mais tempo para a produção de conteúdos e para a planificação das atividades, durante as sessões; ii) a existência de, pelo menos, uma reunião presencial; iii) gestão do tempo e da organização escolar com os tempos de trabalho da comunidade; iv) a apresentação dos trabalhos entre os grupos; v) experimentação de sites, plataformas, aplicações, etc. nas sessões e vi) alargar das dinâmicas que já se conseguiram para um campo onde seja possível partilhar esta experiência com mais colegas que desejem aprender ou partilhar também as suas produções.

Análise da interação na plataforma Moodle

Analisamos também a participação dos docentes na plataforma moodle, que criamos especificamente para o efeito. Assim, tivemos, durante o tempo de atividade da VCoP, vários

fóruns de modo a organizar as diferentes discussões por assuntos, facilitando a partilha de ideias. Além de um fórum com a função de incentivar o conhecimento mútuo entre os formandos, através de uma breve apresentação e que todos os elementos preencheram no início do ano letivo, foram criados:

- um fórum de divulgação de eventos. Neste fórum foram partilhados 19 eventos, por um dos formadores no círculo de estudos associado à Comunidade. Embora não fossem geradas respostas a estes tópicos, normalmente o assunto dos encontros era abordado nas sessões síncronas e sabemos que alguns dos membros participaram ativamente nos eventos divulgados.
- um fórum para esclarecimento de dúvidas que gerou 21 interações entre os participantes, relativamente a 5 tópicos. Ao contrário do fórum anterior, os tópicos neste caso foram gerados por diversos membros da comunidade e receberam também repostas de vários outros membros.
- um fórum para a organização da comunidade, que teve 9 interações e permitiu a tomada de decisões sobre o funcionamento da própria comunidade.
- um fórum para partilha de ferramentas de trabalho com os alunos. Mais uma vez, neste fórum, a iniciativa de criar partilhas partiu, para além do formador, de vários outros elementos, destacando-se um docente com a criação de 8 tópicos e outro com dois. No total foram geradas 17 interações permitindo a troca de ideias e divulgação de ferramentas e formas de utilização das mesmas em contexto de sala de aula. Estas interações foram úteis para o trabalho de planificação e realização de trabalho com os alunos.
- um fórum sobre a discussão dos documentos criados nos diferentes grupos. Este fórum permitiu, essencialmente, a partilha de vários documentos que serviram de base ao trabalho produzido pela Comunidade e que foram discutidos também nas sessões síncronas.
- um fórum sobre avaliação formativa e rubricas de avaliação, que gerou 3 interações no rescaldo de uma das sessões síncronas dedicadas a este tema.

Assim, foram geradas mais de oito dezenas de interações nos fóruns da comunidade, vindo complementar a informação que os membros trocaram entre si nas sessões síncronas ou nas sessões que os pequenos grupos organizaram para realização de trabalho.

Análise dos documentos

Foram disponibilizados no espaço Moodle da Comunidade alguns documentos de apoio às sessões síncronas e ainda documentos gerados e discutidos no âmbito da comunidade. Assim, foram partilhados documentos sobre o próprio projeto e sobre a forma como se organizaria como círculo de estudos, sobre o que era uma comunidade de prática, além de outros tópicos abordados nas sessões como avaliação ou ensinar como tecnologias digitais.

Além destes documentos, foram gerados guiões para construção das atividades (2 para o 1.º ano, 2 para o 2.º ano e 2 para o 3.º e 4.º anos) e as próprias atividades a implementar pelos alunos. Cada formando fez ainda uma reflexão crítica sobre a forma como decorreram os trabalhos ao

longo do ano. Nessas reflexões, encontramos elementos que vêm confirmar alguns dos dados recolhidos no questionário. Por exemplo, sobre as relações estabelecidas, um dos formandos afirma: “ao nível das relações interpessoais entre os membros da comunidade, não há dúvida de que foi construído um grupo muito coeso com interesses comuns não só relativamente às práticas educativas formais mas também ao nível de gostos e preferências pessoais.” (relatório crítico, formando A) e “acredito que o espírito intimista que foi estabelecido neste círculo de estudos, foi sem dúvida um dos aspetos mais positivos.” (relatório crítico, formando B) ou ainda sobre as dinâmicas geradas:

Ao longo das várias sessões da comunidade de prática, desde os momentos de simples partilha, aos momentos de construção dos planos de aula, passando pela exploração das ferramentas, até à implementação das atividades em contexto de grupo, agradou-me particularmente os momentos em que refleti sobre o potencial destas dinâmicas, e os momentos em que vi as dinâmicas a acontecer em contexto de sala (...). (relatório crítico, formando C)

CONCLUSÕES

Ao longo do ano foi conseguida e foi fundamental para o sucesso do trabalho realizado a criação de um ambiente informal e colaborativo (apesar de termos participantes que estavam dispersos geograficamente), que facilitou o desenvolvimento de cada um dos seus membros, individualmente e dentro do grupo,

Os professores foram-se envolvendo, ao longo do tempo, nas atividades e foram construindo a ideia de um projeto comum, partilhando as pequenas experiências que iam fazendo. Assim, como refere Wenger (1998), a comunidade foi-se envolvendo nas práticas dos seus membros e a partilha foi-se refletindo na atividade de cada um deles. Assim, o que foi trabalhado nas sessões da comunidade, serviu para a construção de novo conhecimento e novas ideias que foram depois implementadas em sala de aula, levando a uma mudança nas práticas pedagógicas.

Todos os docentes partilharam conhecimentos e angústias de forma que todos desenvolverem competências. Houve descoberta por parte dos participantes de ferramentas/recursos, fazendo com que todos fossem capazes de inovar, tendo em conta as diferentes realidades educativas, contribuindo estas práticas apoiadas na VCoP para o seu desenvolvimento profissional. Para esse desenvolvimento, contribuíram a presença dos vários convidados externos à VCoP, mas também as trocas entre os seus membros e o trabalho desenvolvido em pequeno e grande grupo.

A participação na comunidade veio alterar dinâmicas de sala de aula beneficiando os alunos destes docentes que vivenciaram práticas e metodologias envolvendo TD em sala de aula e, que, consequentemente, passaram a ser parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem.

Por último e respondendo à nossa dúvida inicial, por tudo aquilo que já referimos anteriormente, concluímos que o trabalho em torno desta VCoP cumpriu os objetivos a que se propôs, no que diz respeito ao apoio ao desenvolvimento profissional dos docentes envolvidos. A participação em comunidades com os seus pares, apoia os docentes, contribuindo para os tornar mais conscientes do trabalho que têm de realizar com os seus alunos e para que se sintam apoiados pelos pares para continuarem a evoluir e a refletir sobre as suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- Barab, S., & Duffy, T. M. (2000). From Practice Fields to Communities of Practice. In D. H. Jonassen & S. M. Land (eds.), *Theoretical Foundations of Learning Environments* (25-55). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Borda, O. F. (2001). Participatory (Action) Research in Social Theory: Origins and Challenges. In P. Reason & H. Bradbury (Eds.), *Handbook of Action Research*. Sage Publications.
- Coutinho, C. P. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2.ª ed.). Almedina.
- Illera, J. (2007). Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. *Sísifo - Revista de Ciências e Educação*, 3, 117-124. <http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/67/88#>
- Loureiro, A., Rodrigues, M. R., Antunes, P., & Vaz, C. (2009). Factores críticos de sucesso em comunidade de prática de professores online. In P. Dias et al. (Ed.), *Atas da VI Conferência Internacional de TIC na Educação — Challenges 2009* (1069–1083). Centro de Competência ERTE/PTE da Universidade do Minho. <https://tinyurl.com/y4ytmjpk>
- Martins, T. (2007). *Concepção de uma CoP online: um estudo em torno da integração das TIC na disciplina de EVT*. Universidade de Aveiro.
- Russ, R. S., Sherin, B. L., & Sherin, M. G. M. (2016) What constitutes teacher learning? Teacher learning and the balance of expertise. In: GITOMER, D. E.; BELL, C. (ed.). *Handbook of research on teaching*: fifth edition. American Educational Research Association. p. 391-438.
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge University Press.
- Wenger, E., McDermott, R. A., & Snyder, W. (2002). *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Harvard Business School Press.
- Wenger-Trayner, E., & Wenger-Trayner, B. (n.d.). <https://wenger-trayner.com/>.
- Wenger, E., White, N., Smith, J. D., & Rowe, K. (2005). *Technology for communities*. http://technologyforcommunities.com/CEFRIO_Book_Chapter_v_5.2.pdf.